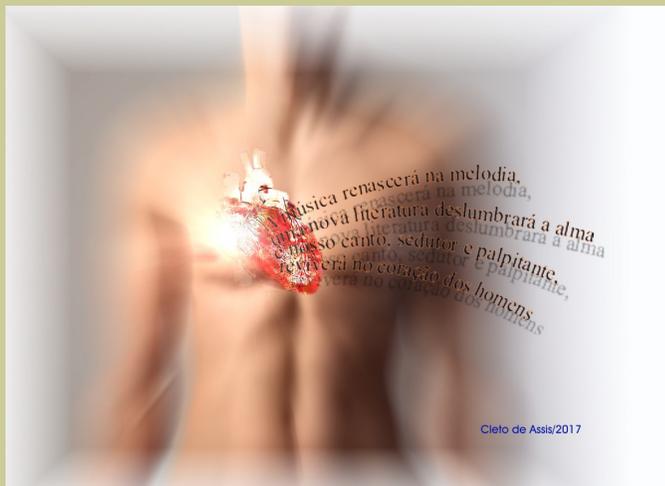


## **O DESTERRO DOS POETAS**

**Manoel de Andrade**



**Cleto de Assis**

Nada vos quisera dizer que sonegasse o encanto  
mas transito por um mundo sombrio  
e por caminhos degradados.  
Já não vejo flores nas campinas  
nem lírios à beira das estradas,  
já não ouço o cantar dos pássaros  
nem o murmúrio das fontes.  
Restou-nos a paisagem decepada e nua,  
de quando em quando, pequenos bosques solitários  
e o sibilar melancólico do vento.

Viandantes milenares da estesia e do mistério,  
hoje somos seres desgarrados e silentes.  
Nossas imagens foram abatidas,  
nossos símbolos calcinados,  
globalizaram as metáforas,  
plastificaram as rosas,  
poluíram as estrelas.

Restaram-nos o espanto e os pressentimentos,  
e, nessa patética realidade,  
entre rimas e a paixão pelo lirismo,

a poesia mendiga descalça pelo mundo,  
trajando seu rosário de versos encolhidos.  
Nossas páginas já não são abertas,  
já não publicam nossos livros,  
declamamos num palco de figurantes,  
e ante os versos desse drama,  
não há público nem aplausos...  
Versejar é uma vocação solitária,  
uma chama delirante que se apaga no coração dos homens.

Apesar de tanto desencanto,  
nada vos direi que sonegue a esperança,  
mas digo que os poetas jamais silenciarão seu canto,  
porque ninguém poderá desterrar o sonho e a beleza  
e porque sempre haverá um poema de amor a ser escrito.  
Os poetas cantam desde a aurora dos tempos,  
pela glória de Aquiles e pela paixão por Beatriz.  
Cantam para gestar uma "Ode Triunfal",  
para compor " Uma Canção Desesperada",  
ou para erguer uma bandeira libertária.

Cantam para denunciar os calvários de chumbo que sangraram tantas  
pátrias  
e para que o esquecimento não sepulte a história dos vencidos.  
Cantam para acusar os tiranos e consagrar os mártires,  
e para reunir na memória os punhos da bravura.  
Os poetas sempre haverão de cantar,  
enquanto a luz parir a vida, eles cantarão...  
cantarão para abrir as janelas do infinito  
e para semear novos sonhos nos herdeiros do amanhã.

Machucado por tanto desamor,  
por esses acordes tolos e nocivos a malhar meus tímpanos,  
e perante essa estética do absurdo,  
a essa irreverência que empesta os ares  
e proscrito por um tempo que confunde os nossos passos,  
saio em busca do Eldorado.  
Quero um cântaro de luz para beber a vida,  
um sol de abril para iluminar meu rumo.  
Quero meu veleiro, meu farol, meu porto, minha aldeia,  
e 'onde estiver meu coração, sei que lá estará o meu tesouro'.

"Vou-me embora pra Pasárgada"  
levando minhas ternuras e uma fé inabalável.  
Minhas velas vão rasgando o desencanto,  
navegando nas lágrimas do mundo  
e nesses mares de naufrágios.  
Sei que quando o impasse se acabar,

as flores repovoarão os campos  
uma rosa purpurina se abrirá no teu canteiro  
e a estrela da manhã surgirá num novo céu.  
E eis que uma aurora de luz há de beijar a Terra,  
o amor abraçará os filhos da esperança,  
e só então a paz será um eterno banquete festejando a vida.  
Vos digo que num só "idioma" se entenderão os povos,  
que a música renascerá na melodia,  
que uma nova literatura deslumbrará a alma  
e que o nosso canto, sedutor e palpitante, reviverá no coração dos homens.

Curitiba, 20 de agosto de 2014